

NADIA SHIREEN

BOSQUE LOUCO



Bosque Louco

Aviso: Mapa
completamente inútil

← A
CIDADE
GRANDE



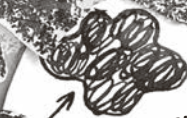
CARAVANA DO TITO



A Lagoa Pequena



A
TORRE
MÁGICA



Poça fedorenta,
ninguém sabe porquê



Velha toca
de raposas
abandonada

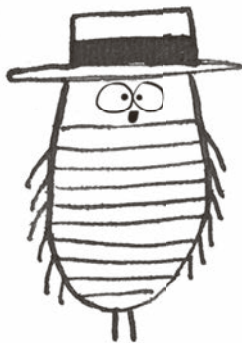


hotel minúsculo
← reservado
a formigas



OLÁ, OLÁ!

Sou o **HENRIQUE DINAMITE** e vou aparecer de vez em quando com os meus pensamentos. Aposto que não estavas à espera disto, pois não? Sinceramente, para mim também é uma surpresa. Por norma, conduzo autocarros.

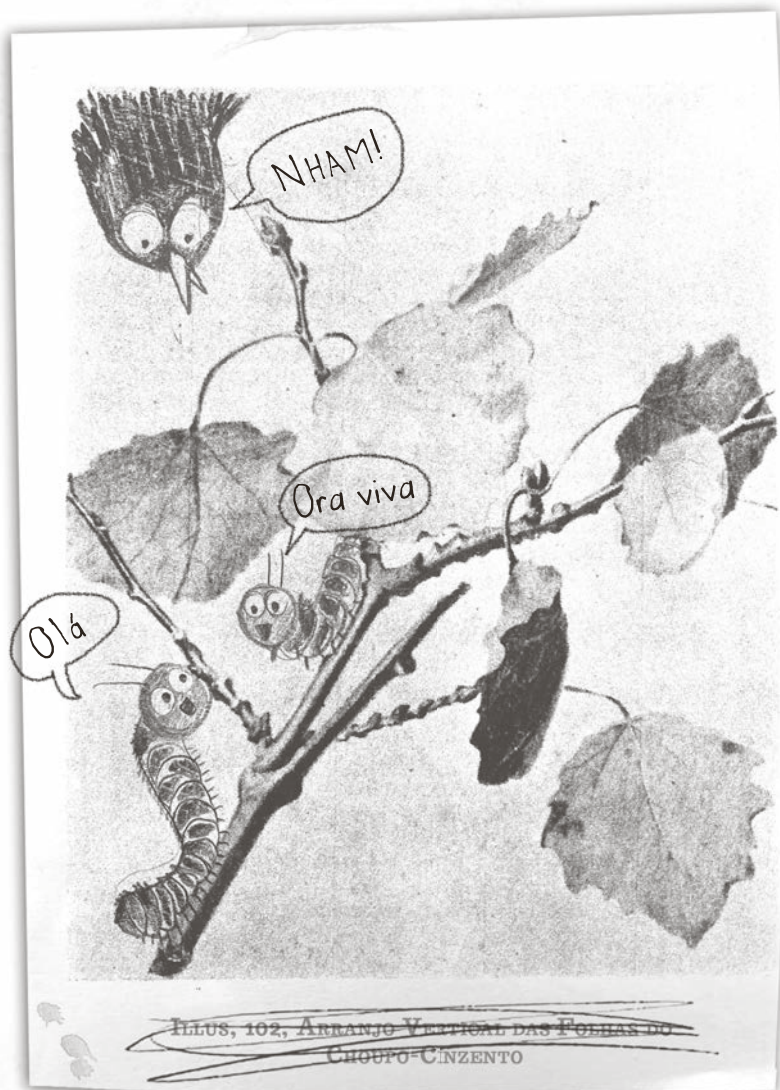


bicho-de-conta



**Adiante... vira já a página
para uma inimaginável
e entusiasmante história!**







CAPÍTULO UM Teo e Nina

Este é o Teo.



E esta é a Nina.



Tal como imensas raposas, eles viviam numa cidade grande. A Nina era a raposa mais corajosa e arrojada que o Teo alguma vez tinha conhecido. Ele não se lembrava de ter mãe ou pai, mas sempre contara com a Nina. Ela garantiu sempre que ele tinha comida e um sítio quente para dormir.

Além de tomar conta do Teo, a Nina gostava de vadiar pela cidade com os amigos. Conhecía todas as ruas, todos os becos escuros, todos os caixotes do lixo e todos os esconderijos. A Nina era RIJA. Não tinha tempo para rir nem para cheirar flores ou ler banda desenhada. Mas a Nina não precisava dessas coisas, não mesmo.

Já o Teo, por seu lado, era uma cria de raposa fofinha. Gostava de ficar perto da toca, que se encontrava escondida no meio de uns arbustos de azevinho espinhosos, no canto de um parque enorme. O Teo gostava de rebolar na relva ao sol, farejar os galhos e as folhas e lambe-los cones

de gelado perdidos. De vez em quando, a Nina
trotava por ali e deixava-lhe um petisco.



Delicioso . . .



A Nina preferia café.
Mantinha-a

ALERTA.

Fig. 1



Só que, às vezes, se ela bebesse demasiado, ficava a tremer e a latir, e o Teo tinha de se sentar em cima da cabeça dela para que se acalmasse.

Relaxa,
Nina.



Obrigada,
mano.

Sim, o Teo e a Nina formavam um belo par de raposas e tinham tudo aquilo de que precisavam. Bem, quase tudo. Ultimamente, o Teo começou a sentir algo esquisito e doloroso no peito. Sentia isso sempre que via a Nina a trotar de partida, deixando-o sozinho na toca. Sentia-o também quando a via a conversar com os seus amigos raposos, o Latas e o Cercas. Sentia-o quando via os humanos pequeninos e giros no parque de

mão dada com os humanos grandes. Às vezes também o sentia à noite, quando se sentava em cima de um pedregulho a olhar para o céu grande e escuro, e suspirava pesadamente.

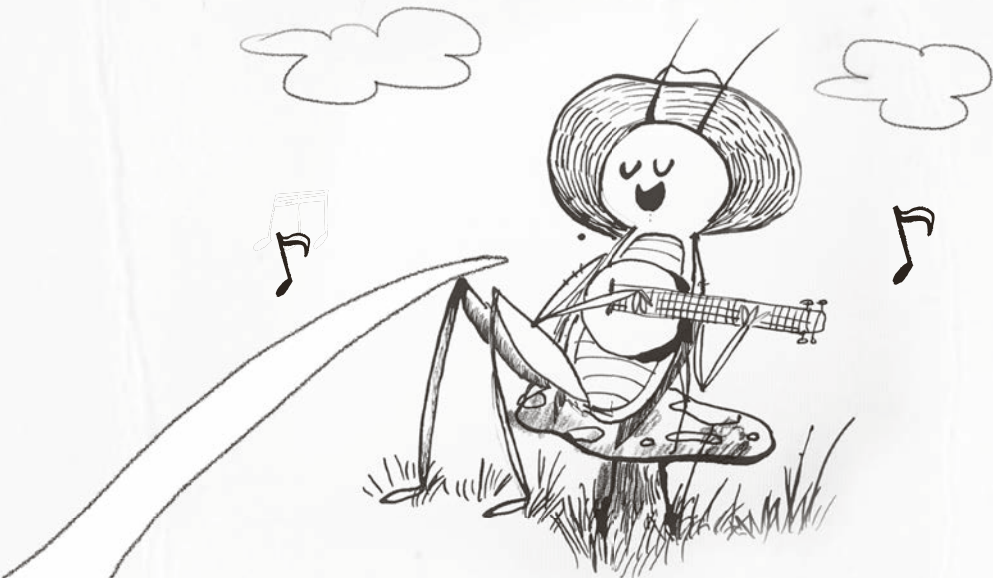
Certa tarde, estava o Teo enroscado na toca quando ouviu música. Alguém tocava guitarra. E ouviu-se então uma voz alta e aguda a cantar uma canção suave.



Oh, olá, meu grande companheiro
Oh, olá, meu querido amigo
Nunca me sinto só
Quando o meu melhor amigo aparece

E se me deres a mão e sorris
Juntos, tu e eu
Iremos rir e cantar e dançar e saltitar
E nunca nos sentiremos sóóós. . .





O Teo saiu a correr do covil.

— É isso! — gritou. — Sinto-me **SOZINHO!**
Preciso de amigos.

Olhou para o gafanhoto que cantara a canção.

— Olá! **TU** queres ser meu amigo, pequeno gafanhoto? — perguntou. — *Tu* gostas de cantar, *eu* gosto de cantar. . . temos imensa coisa em comum!

— Põe-te a milhas — disse o gafanhoto, saltando dali para fora.

O Teo deixou descair a cauda, mas depois esfregou as patas. Pelo menos, agora que sabia

a que se devia a dor no coração, poderia resolver o assunto. E não havia melhor momento para isso do que o presente.

Nesse momento, ouviu um ruído vindo do caixote do lixo.

CUU... CUU... CUU...

HÁ POR AQUI ALGUM KETCHUP?

CUU... CUU...

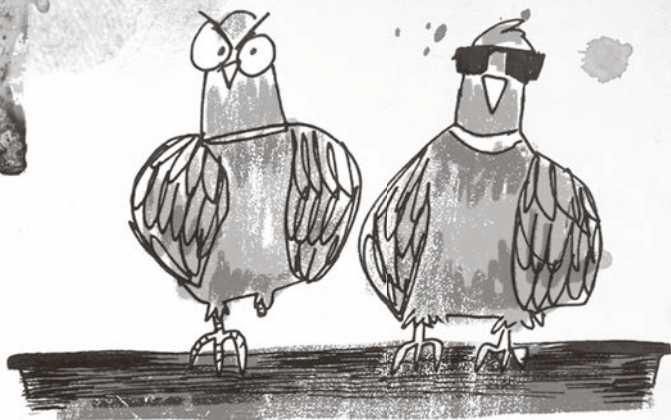
NÃO VEJO NADA.

OOH, E SERÁ QUE HÁ MAIONESE?

ACHO QUE VAI TER DE SERVIR...

CUU... CUU...

Estavam dois pombos empoleirados na beira do caixote do lixo, a debicar pedacinhos de batatas fritas e maçãs e sabe-se lá mais o quê.



— Olá! — cumprimentou o Teo. Já vira aqueles pombos antes. Um deles tinha só uma pata e o outro usava óculos de sol.

— Vai-te embora — disse o pombo de uma só pata.

— Chamo-me Teo. Eu conheço-vos! — anunciou o Teo.

O pombo lançou-lhe um olhar fulminante.

— Não duvido — disse o pombo dos óculos de sol. — A tua irmã arrancou-lhe a pata.

O Teo corou com a vergonha.

— Oh... — disse ele. — Lamento imenso.

— O que queres, miúdo? — disse o pombo perneta.

— Bem — disse o Teo, envergonhado. — Vi-vos por aí a rondar e senti-me um pouco sozinho ali na toca. Estava aqui a pensar, hum... será que vocês gostariam de ser meus amigos?

Os pombos abanaram as cabeças.

— Deves estar a gozar, pá — disse o pombo com uma única pata. — Eu gostava de ficar com a pata que me resta, obrigadinho.

E saltaram e esvoaçaram até outro caixote do lixo, muito, muito longe.

— Oh, bem — disse o Teo, passando a mão pela cabeça. — Pelo menos, tentaste. Isso é que importa.

Ele ia inventar uma canção sobre isso quando avistou dois vultos sombrios empoleirados num banco. Tinham bigodes! Tinham caudas! O focinho do Teo vibrou com o medo. **GATOS!** Um deles escorria o conteúdo de uma lata pela garganta abaixo enquanto o outro se lambia a si próprio num sítio indecente. De vez em quando, paravam para lançar um miado maléfico.

O Teo gemeu e tentou afastar-se discretamente. Ergueu uma pata e pousou-a com delicadeza... e ergueu outra pata e pousou-a com delicadeza... e ergueu outra pata e...

— **AÚUUUGA! Vamos à festa!**

Sem querer, o Teo pisara a Xana, a Gralha Festiva.

— CHHHHHHHIU! — disse o Teo, baixinho.

— **Modo de festa... ATIVADO!**

— anunciou a Xana, que depois soprou um kazoo extremamente alto.



Os gatos endireitaram-se de repente e com os seus assustadores olhos amarelos miraram o Teo.

— **Fuuuu** — bufaram eles.

— AAAARGH! — atirou o Teo.

Voltou a correr para a toca, tão depressa quanto as suas patinhas peludas lhe permitiram.



A Nina estava no covil com os amigos, o Latas e o Cercas. Estavam todos a fazer caretas e a fotografarem-se uns aos outros com os telemóveis.

O Teo mergulhou na toca, com os olhos arregalados e a arfar.

— O que se passa contigo? — perguntou a Nina.

Ele apontou para trás dele, a gemer e aos saltinhos.

A Nina agarrou as orelhas do Teo e afagou-as lentamente até ele se acalmar.

— G-g-g-gatos! — lá conseguiu ele arquejar.

— Era ELA? — questionou a Nina num tom incisivo.

O Teo abanou a cabeça.

— Bem, então não te passes! Os outros gatos não te fazem nada, Teo.

O Teo suspirou e arrastou-se até ao canto da toca.

A Nina revirou os olhos na direção do Latas e do Cercas. Ela e o Teo iriam ter de conversar.

— Vemo-nos mais logo, pode ser? — disse ela.

— Na boa, Ninita, até logo — disse o Latas.



A Nina sentou-se ao lado do Teo, que estava encostado num canto abraçado à Pantufa, que era uma velha pantufa com um sorriso desenhado. Não a largava desde que era uma cria pequenina.

— Nina, quando é que a mãe e o pai voltam para casa? — perguntou o Teo.

A Nina suspirou.

— Não sei, Teo — respondeu ela. — Nunca me disseram.

— Mas... eles vão voltar, não vão? Gostava imenso de saber como eles são.

A Nina não respondeu. Limitou-se a olhar para o vazio enquanto o Teo permanecia calado, a ouvir a chuva a cair e o zumbido distante do trânsito.

Ao fim de algum tempo, ele voltou a falar.

— Ninita, porque é que os gatos nos odeiam tanto?

A Nina enroscou a sua cauda felpuda em redor do Teo.

— Nem *todos* nos odeiam — disse ela. — Só alguns. E tu sabes *porquê*, não sabes?

— É por causa daquela gata horrível? — disse o Teo.

— Sim — respondeu a Nina. — É por causa daquela gata mesmo horrível.



CAPÍTULO DOIS
**Aquela Gata
Mesmo Horrível**



Esta é a Princesa Botão.

É uma gata. Uma gata mesmo horrível.

Reza a lenda que há uns anos a Princesa Botão vivia numa enorme mansão. A dona dela era uma senhora idosa e rica que usava roupas muito elegantes, nem que fosse só para ir à loja da esquina comprar a comida de gato chique que a sua gata mimada apreciava. A Princesa Botão ia a todo lado com ela, transportada numa grande bolsa roxa para nunca sujar as suas preciosas patinhas. A sua vida era perfeita.



Até ao dia em que a velha senhora se engasgou com um picle e foi levada numa ambulância. A Princesa Botão ficou a uivar nos lençóis de seda da velha senhora. Passaram-se muitos dias e ela acabou por perceber que a velha senhora nunca mais regressaria. A Princesa Botão teria de se desenrascar sozinha num mundo grande e mau.

Vagueou pelas ruas, esfomeada e perdida.

Até que um dia cheirou uma lufada de algo fabuloso.

— **Gnnnnnnnnf!** — disse a Princesa Botão, lambendo os lábios. Trotou na direção da origem do cheiro, contando deparar-se com uma grande loja, ou talvez um restaurante chique. Só que em vez disso deu com...



Bem. Realmente não era chique, mas para a Princesa Botão foi como ver o paraíso. Correu pelo beco do restaurante com a barriga a roncar. Trepou o muro de tijolos, passou pelo cimo e viu...



Raposas. Imensas raposas.

Estavam a despedaçar os sacos do lixo do Frango Veloz que tinham sido empilhados durante o dia, devorando toda a comida gordurosa e pegajosa que havia lá dentro.

A Princesa Botão viu três contentores do lixo, todos eles do tamanho de pequenos carros. Gatos, rata-

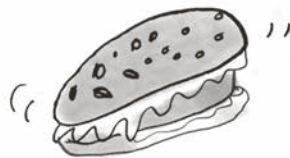


zanas, pombos e ratos também andavam por ali às voltas, a mastigar pedaços de cartilagem e restos de pão pita.

A Princesa Botão avançou sorrateiramente e saltou sobre umas sobras de frango frito. Oh, era delicioso! Nunca provara nada assim e em poucos segundos limpou os ossos.

— Oh, posso? — disse outro gato, apontando para os restos de ossos.

— O quê? — disparou a Princesa Botão.



— Não queres os ossos? — perguntou educadamente o gato.

— Não — respondeu a Princesa Botão, habituada a comer pedaços de carne tenros e delicados.

— *Cool!* — exclamou o outro gato, que começou a chupar e a trincar os ossos de frango.

» Deves ser nova por estas bandas — comentou ele, animado, passado um bocado. — Chamo-me Bingo! Gosto em conhecer-te. Um conselho... não deves desperdiçar nada. Há comida suficiente, mas é à justa. Sabes, há um sistema.

E voltou a mascar o osso.

A Princesa Botão fez má cara.

— Como assim... «um sistema»? — questionou.

— Bem — disse o Bingo, lambendo os lábios. — É muito simples. Há três contentores do lixo. As raposas comem do azul, os gatos ficam com o verde e as ratazanas,

trinca
trinca
trinca



pombos, ratos e todos os outros servem-se do vermelho.

A Princesa Botão franziu o focinho.

— Tu... tu estás a dizer que *partilham*? — disse ela, com sérias dificuldades em proferir a palavras.

— MMmm-hmm! — assentiu o Bingo.

A Princesa Botão sentiu a penugem a eriçar-se. PARTILHAR? Nunca na vida tivera de partilhar o que fosse. Rosnou e agitou o nariz. Tudo aquilo lhe parecia MUITO ERRADO. Algo teria de ser feito.



Ao longo das semanas seguintes, a Princesa Botão empanturrrou-se com toda a comida do Frango Veloz a que deitou a pata. Noite após noite, instalou-se junto ao contentor verde à espera da chegada dos sacos de sobras e **BUFOU** a quem se atrevesse a aproximar-se. Ficou cada vez mais gordurosa e suja. Dali a nada, toda a gente na Cidade Grande sabia quem ela era.

— Porque é que vocês são tão brandos? — disse ela certa noite aos outros gatos. — Deixam que aquelas RAPOSAS nojentas fiquem com as melhores partes.

Alguns gatos murmuraram em concordância, mas muitos outros simplesmente continuaram a lamber os respetivos rabos.

— Nós, gatos, temos de nos impor! — urrou a Princesa Botão, que já reunira uma pequena multidão em seu redor. — Há demasiado tempo que ficamos parados a ver as raposas a comer toda a comida que há por aqui...

O Bingo parou de lambar o rabo e ergueu a pata para recordar a todos o sistema de partilha dos contentores, só que ninguém pareceu interessado em prestar-lhe atenção.

— Está na hora de recuperar o controlo dos nossos contentores! — gritou a Princesa Botão, erguendo uma pata cerrada.

A maioria dos gatos revirou os olhos e partiu a bambolear-se. Mas alguns aplaudiram.

— Recuperar os contentores! — gritaram. — Expulsar as raposas!



A Princesa Botão esperou até o grupo de gatos se silenciar. Fitou-os com os seus olhinhos minúsculos e depois urrou:

— Não descansaremos até todos os contentores serem nossos!

Os gatos aplaudiram ainda mais. Alguns deles até começaram a bater com latas.

— Que se inicie a batalha — rosnou a Princesa Botão, trincando furiosamente a ponta de uma salsicha.

SANTA PACHORRA!



Bem, ela parece ser um verdadeiro **pesadelo**, não parece? Tanta agitação por causa de uns contentores. Uns meses antes ela nem sabia o que era um contentor. Que **esquisita**!

Bem-vindo ao

BOSQUE LOUCO

Raposas em **fuga!** Uma gata maldosa que quer **vingança!** Esquilos com **fatos de ginástica!**

Quando o Teo e a Nina fogem para o Bosque Louco, esperam encontrar paz e segurança. Em vez disso, deparam-se com **águias que roubam, patos dramáticos e coelhos rebeldes...** e vivem uma aventura que nunca esquecerão!

Caramba!

Uma
aventura louca
para te rires à gargalhada!



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Leitura Infantil

www.penguinlivros.pt

penguinkidspt

8+

ISBN: 978-989-589-193-1



9 789895 891931